



**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 79 — 19 DE NOVEMBRO DE 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO

Tomaz Alcáide, o grande tenor português, regressou a Portugal. A foto mostra-o à sua chegada do Brasil, a bordo do «Cabo Hornos», acompanhado de sua esposa. — (Foto Deniz Salgado)

Leia neste número:
OS ESTADOS UNIDOS CHEGARAM A EUROPA

Entre nós



Para comemorar o 67.º aniversário da sua fundação, a Sociedade de Geografia realizou na passada terça-feira uma sessão solene, a que presidiu o sr. coronel Mimoso Guerra.

Em lugar especial sentou-se o sr. general Amílcar Mota, representante do Chefe do Estado e na assistência viam-se, além de «srs» Ronald Campbell, embaixador de Inglaterra, dezenas de individualidades, da mais elevada categoria social e intelectual.

Aberta a sessão, usou da palavra o sr. dr. Queiroz Veloso que fez uma referência breve aos factos mais importantes da história da Sociedade de Geografia de Lisboa, desde a fundação.

Depois fez o elogio do professor e académico, sr. doutor Raúl Ulrich que ia proferir uma conferência subordinada ao tema: «Alguns aspectos da economia da Guerra».

O chefe do Estado inaugurou há dias, nos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, a Exposição de Arte Contemporânea Francesa.

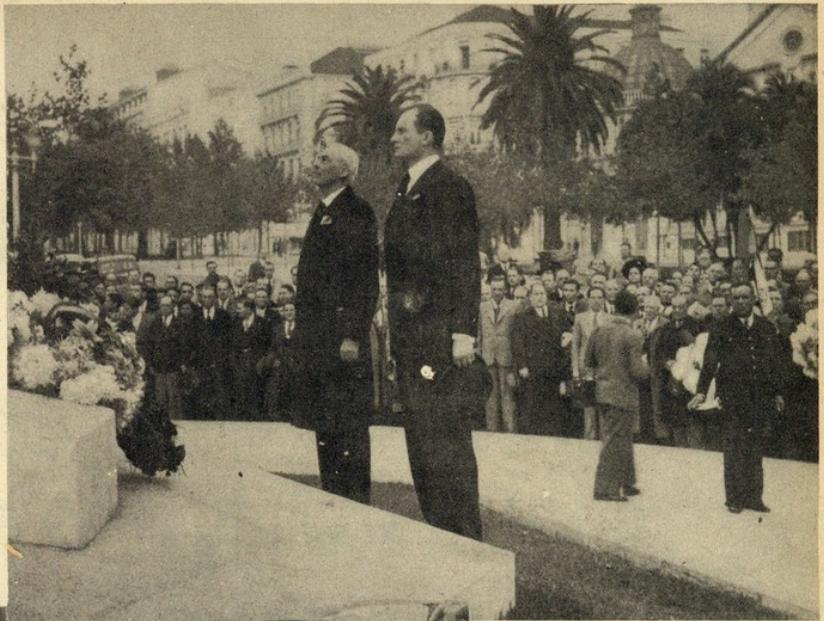
Além do sr. General Carmona, e na ocasião da sua visita, estiveram na exposição os srs. Ministro e Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Ministro das Finanças, directores do S. P. N. e do Ensino Superior e das Belas Artes, governador militar de Lisboa, presidente da Academia de Belas Artes e do Instituto para a Alta Cultura e muitas outras individualidades, a par de grande número de artistas e de grande número de senhoras.

O sr. Jean Rivière, Ministro plenipotenciário, actual director dos Serviços das Obras Culturais no Ministério dos Negócios Estrangeiros da França, vindo propositadamente a Lisboa para assistir à cerimónia inaugural da exposição, representava ali especialmente o Governo francês e em nome deste agradeceu ao sr. general Carmona, que a par e passo acompanhou na visita, a sua presença naquele acto solene.



Na Faculdade de Letras, efectuou-se há dias uma cerimónia escolar de grande camaradagem e que, nos tempos de hoje, é de registar: os antigos alunos fizeram uma «recepção» aos «caloiros» e às «caloiras». A nossa gravura mostra-nos um aspecto dessa festa, que deixou gratas recordações nos «velhos» e «novos» alunos.

Os combatentes
da
GRANDE
GUERRA
comemoraram
o
Armistício



Os combatentes ingleses guardando um minuto de silêncio em frente do monumento.

Martins; dr. Cortez Pinto, da comissão portuguesa da FIDAC; Faria Afonso, da comissão central administrativa da Liga, e outros elementos deste organismo.

O sr. general Daniel de Sousa, depois, então, na base do monumento, em nome da L. C. G. G., um ramo de flores, o mesmo tendo feito as deputações estrangeiras, a liga Pró-Paz e uma viúva de combatente.

A coroa dos combatentes ingleses era formada por papoilas vindas de Londres expressamente para a cerimónia.

Depostas as flores, houve dois minutos de silêncio.

O antigo combatente clarim José Fernandes tocou a sentida.

Pouco depois, portugueses, ingleses, franceses, americanos e belgas combatentes desfilarão em continência perante o monumento.



Os mutilados portugueses em frente do monumento aos mortos da Grande Guerra

Passou no dia 10 o 24.º aniversário da assinatura do armistício da Grande Guerra de 1914-18.

Em Lisboa essa data foi comemorada com várias cerimónias evocativas. De manhã, rezaram-se missas por alma dos que caíram no campo da honra, nas igrejas de S. Luiz, de S. Domingos, e na inglesa da Estréla.

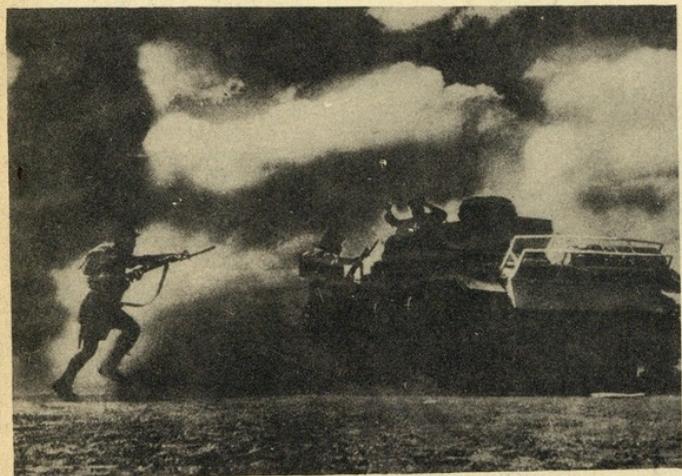
Depois, em redor do monumento aos mortos da Grande Guerra, na avenida da Liberdade, juntaram-se combatentes portugueses, americanos, ingleses, belgas e franceses.

Com eles, o encarregado dos negócios da Bélgica, sr. Motte; os adidos militar, junto da legação dos Estados Unidos da América, e de aeronáutica, da Inglaterra e, ainda, os srs. generais Daniel de Sousa, presidente da Liga dos Combatentes; Vicente de Freitas, Raúl Esteves e Ferreira



Os combatentes belgas depondo ramos de flores no sopé do monumento.

A vitória inolesa na batalha do deserto



Assalto e tomada dum «tank» do «Eixo» em pleno deserto egípcio pelas forças do 8.º Exército Britânico.



EM CIMA: Chegada à base dum aparelho da R.A.F., depois de ter derrubado dois bombardeiros inimigos. Os companheiros da tripulação saúdam os camaradas.
À ESQUERDA: Restos dum avião inimigo abatido em pleno deserto.



Infantaria britânica a caminho de novas posições

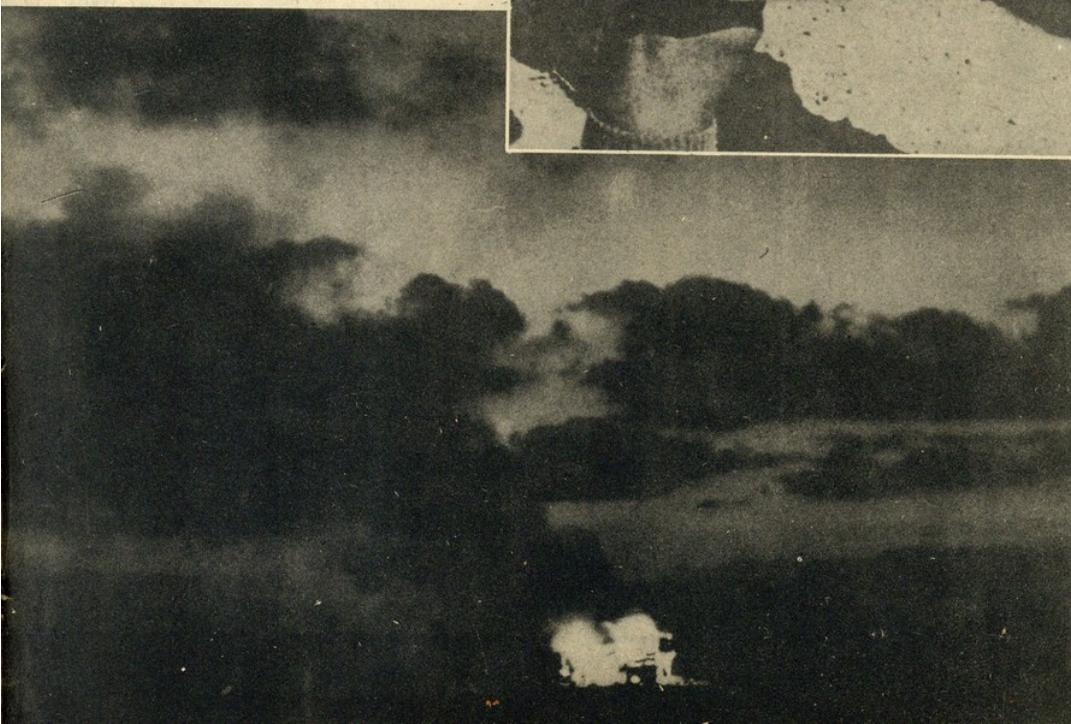


Oficiais sul-africanos consultando um mapa das operações



O tenente-general Montgomery, condecorando o sargento Keith Elliot, da «New Zealand Division», por feitos praticados em campanha.

Em pleno deserto, sob o céu enegrecido pela fumarada dos incêndios, este «Stuka» arde, rasgando as trevas da noite com o seu clarão de fogo.





Jeannette Macdonald e Nelson Eddy, os «sempre noivos» do cinema...

7 dias de cinema

por Fernando Frago

RACA é o primeiro filme espanhol que se exhibe em Portugal, de há muito tempo para cá. «Nada de Novo no Alcazar» e «Carmen, a de Triana» foram produzidos, respectivamente, na Itália e Alemanha, com elementos técnicos e artísticos pertencentes, em grande parte, aos quadros daqueles países. «Raça» é, não só o primeiro representante da moderna cinematografia espanhola que surge nas nossas telas, como ainda o mais lido — porque na vizinha Espanha, nenhum outro excedeu, tanto na importância do tema focado, como nos elementos técnicos postos ao serviço da realização. «Raça» é pois o expoente da indústria de filmes no País vizinho — e o fruto da inquietação dos que a ela se consagram...

As revoluções sociais têm sido, inegavelmente, um estimulante, um elemento rejuvenescedor das cinematografias dos povos em evolução, — e isto, possivelmente, porque nenhuma outra Arte traduz, de forma tão imediata, e sugestiva, a vibração das massas, as suas realidades, as suas esperanças — e os seus anseios.

Verificámos o facto, por ordem cronológica, na Rússia, na Alemanha, na Itália. Verificamo-lo agora em Espanha, onde se desenvolve uma enorme actividade no sentido de criar uma cinematografia, digna da missão histórica do seu Povo — e da excepcional importância do mercado de aquém e de além-mar...

Epopeia e gesta — «Raça» — documenta, através de episódios vividos, e evocados, por vezes, na sua essência, a glória e o mérito dos defensores da nacionalidade. E tudo isto é contado com grande simplicidade, sem fanfarras ou toques de trombeta... Não há quixotismo, nem estilo empolado. Há sinceridade e franqueza. É um grande povo que fala, através dos dramas que viveu, com a certeza de ter encontrado sempre, em momentos difíceis, na Fé e no valor, os grandes esteios da Raça.

O Levantamento Nacional de 1928 constitui o tema dominante da película. A história bole, deste modo, com feridas que o tempo ainda não sarou. Mas os argumentistas — Manuel de Aznar e Manuel Halcon, que trabalharam sobre uma ideia do Generalíssimo — preferiram os emolientes aos revulsivos. E, assim, o filme não alimenta odios: procura congarçar os espanhóis sob a noção altíssima da comunidade da Raça! Em lugar de excitar, adopta o tom generoso do apaziguamento. Não é um panfleto — mas um relatório. Não é um grito de alarme — mas uma mensagem de paz!

Houve o cuidado de reproduzir a Verdade. O assassinio dos monges; o caso da falangista que se veste como um homem, para que possa

alistar-se; o episódio do velho que se oferece para combater, depois de ter dado à causa da Pátria os seus dois filhos; o oficial que «ressuscita», após o fuzilamento; o dentista que ajuda os madrilenos a passarem-se para junto das tropas de Franco — todas estas figuras e episódios não são fictícios. A história da guerra de Espanha está cheia delas! E a ânsia de fazer uma obra verdadeira levou os produtores, a utilizar, tanto quanto possível, trechos de actualidades, que se fundem, habilmente, na acção.

As virtudes de construção que apontámos, o interesse e a grandeza do tema são, quanto a nós, as melhores qualidades do filme. Cinematograficamente, «Raça» ressentese das próprias condições que presidem à evolução da cinematografia espanhola. O argumento, que se desenvolve com bom ritmo, até à entrada das tropas nacionalistas em Bilbao, precipita-se depois para a solução final. E assim, a entrega dos documentos àquela rapariga loira por virtude da curta exortação que profere: a transformação que se opera em Pedro Churruga, e que, o leva a declamar tiradas patrióticas e fazer a sua profissão de Fé nos destinos da Espanha; o encontro do oficial com a mulher que o salvou — estes momentos culminantes do filme aparecem inferiorizados, por falta de preparação, que não é sinónimo de «rodriguiño»...

Mas, apesar disso, Saenz de Herédia, dá-nos excelentes momentos de cinema, que têm a sua expressão mais alta, nas cenas que vão do assalto ao convento até à execução dos monges e na seqüência admirável do «café-concerto», com a prisão da rapariga da quinta coluna.

«Raça» é, em resumo, uma bela afirmação das possibilidades da indústria espanhola — e um criterioso

modelo da cinematografia ao serviço dum ideal altíssimo.

* * *

Os filmes de Jeannette Mac Donald e de Nelson Eddy, salvo raras excepções, fazem lembrar-me um «bólo de noiva»: uma montanha de açúcar, com bordaduras de confeitos, e um parsinho ingénuo, que está para a doçaria que lhe serve de pedestal, como Jeannette e Nelson para o cinema... O mesmo se pode aplicar quanto ao «recheio»: massa que oscila entre o bólo de arroz e o pão de ló, receita barata de pasteleria, sem preocupações de maior. Também nos filmes das «vozes de oiros», a «técnica» e os «processos» são como esmagados, pois é a parte musical e as canções que mais interessam — ou sejam os confeitos e o branco revestimento açucarado, que lhe dão aquele ar atraente de peça de olaria... É claro que há excepções, como «Rose Marie»... Mas são afinal as que confirmam a regra...

Quero dizer com isto, que os filmes do famoso par sejam desagradáveis ou inferiores? Nada disso. Quero dizer apenas que, assim como os «bolos de noiva» são feitos mais para a vista do que para o paladar, também as películas musicais de Jeannette e de Nelson Eddy se dirigem menos aos olhos do que aos ouvidos. Às vezes, podemos vê-las — com as pálpebras cerradas!

Em *Sempre Noivos* o espectáculo visual aparece excepcionalmente cuidado. A fita foi vestida com esplendor — e fotografada pelo processo tecnicolor. O ar de opereta acentua-se, com a visão policroma das fardas, com a garridice dos trajes, e o convencionalismo dos cenários. Mas, daí não resulta mal algum. Pelo contrário. Mais do que uma fita, *Sempre Noivos* é uma opereta. As exigências cinematográficas

não se fazem sentir de forma tão imperiosa. E tudo aquilo que poderia chocar o cinéfilo exigente, se dilui num espectáculo que pertence mais aos domínios do palco, do que da tela.

Noel Coward é, incontestavelmente, uma pessoa curiosíssima. Como autor, aborda todos os géneros, desde a comédia ligeira ao drama histórico, passando pela opereta e pela fantasia. É músico e poeta, actor e realizador de filmes.

O homem que nos deu a portentosa «Cavalgada» e a deliciosa «Uma mulher para dois» revela-nos agora uma nova faceta do seu talento. O poema e a partitura de «Bitter Sweet» pertencem-lhe, inteiramente. E Van Dyke não fez mais do que dar, tanto quanto possível, expressão cinematográfica à peça consagrada. De resto, Noel Coward assistiu às filmagens — e quando regressou de Hollywood, à sua passagem por Lisboa, disse-nos que estava muito satisfeito... Esperamos que o público seja da mesma opinião!...

Jeannette e Nelson cantam, em força, como de costume. Namoraram-se, casam e sofrem, por entre melodias. Nelson morre num duelo, mas continua a cantar, com a voz coada pelas nuvens... O meu leitor cinéfilo, deve ter ficado de pé atrás... Mas não vale a pena protestar! *Sempre Noivos* é uma opereta. E porque é opereta, admitimos a história. Porque de opereta se trata, acatamos aquela Viena de cromo... E desde que partimos de semelhante convenção — achamos naturalíssimo que Jeannette chegue à janela, olhe o céu, para cantar o «refrain» de amor — e que Nelson, de lá, lhe responda, numa voz que nada tem de além-túmulo.

No palco, estaria entre bastidores... No cinema, ficou por detrás das nuvens...

Uma imagem sugestiva da guerra de Espanha, evocada em «Raça». O oficial, no momento de deixar o cárcere, para comparecer perante o pelotão executor.



Entre nós



No último domingo, em comemoração do 6.º aniversário da criação da «Legião Portuguesa», realizou-se uma parada no Castelo de S. Jorge. Na parada norte alinharam 2.500 legionários, compreendendo forças motorizadas, da Brigada Naval, infantaria e cavalaria, secções de transmissões e serviços de saúde. Num terreiro sobranceiro à parada, assistiram à formatura os srs. generais Pereira dos Santos, major-general do Exército; Tasso de Miranda Cabral, chefe do Estado Maior; Fernando Borges, ajudante-general; Monteiro de Barros, comandante geral da G. N. R.

Por ter atingido o limite de idade deu há dias a sua última lição de professor e sub-director da secção de Teatro do Conservatório Nacional, o actor e ensaiador Carlos Santos. Com a presença de vários artistas de teatro, o professor Carlos Santos, nesta derradeira lição, versou o tema: «A dignidade do artista teatral e a sua função social». Depois de judiciosas considerações, o professor Carlos Santos terminou a sua palestra por apontar a actriz Maria Lalande, que se encontrava presente, como «modêlo» para os alunos da secção de Teatro. No final, todos os alunos felicitaram o professor Carlos Santos, oferecendo-lhe ramos de flores. Ao acto presidiu o sr. dr. Ivo Cruz, director do Conservatório, e assistiram muitos artistas teatraes.



Com a presença de todos os corpos directivos comemorou-se na «Associação de Socorros Mútuos na Inhabilitade», o 70.º aniversário da sua fundação. Por esse motivo foi oferecido à Imprensa um «copo de água». Esta associação conta hoje com um número avultado de sócios, e foi fundada por Júlio César dos Santos, sendo o seu primeiro saldo apenas de 10 réis, 10 réis que fizeram um prodígio... Em primeiro lugar, falou o sr. Joaquim Maria Calçado, presidente da Comissão Administrativa da «Inhabilitade», que proferiu um discurso de saudação à Imprensa; depois usaram da palavra os srs. Eduardo Antão Marques, representante dos «Inválidos do Comércio», e Gustavo de Matos Sequeira, em nome da Imprensa.



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE EÇA DE QUEIROZ

AQUILINO publicou agora os seus *Avós dos nossos Avós*, evocadoras páginas em que desbrava a árvore pensativa da genealogia lusitana. Eis um escritor que foi buscar os motivos literários fóra das inconstantes palpações do coração — à Lenda, aos Costumes, à História, a tudo que através das gerações, diversamente e unamente, revela e caracteriza o Homem lusitano. É agora um anotador fino e forte das graças e dos horrores arqueológicos que os nossos antepassados conheceram, numa infinita confiança de glórias e martírios. A figura de Aquilino tem inabalavelmente, no meio duma sociedade pálida, o mesmo recorte vivo que tem o seu espírito entre espíritos vagos e esmaecidos. Possue os atributos da saúde, da firmeza, da serenidade, a linha desempenada, o andar sólido, a expressão clara. Tem uma preferência secreta pelos heróis, mas ama os fracos, os simples, os oprimidos, as coisas delicadas e frágeis; e uma boa obra, uma bela acção, um heroísmo, um desassombro, põem-lhe nos olhos um brilho enternecido. É um Hércules pela força; um Apolo pelo espírito. E quando as Sociedades e os Impérios são varridos com as suas glórias, as suas riquezas e as suas curiosidades, é grato vê-lo ostentando, com firmeza e certeza, à porta da *Bertrand*, a sua retumbante presença literária, desta vez com um pé na soleira da porta — e o outro recuado a uma distância infinita, coberto dum pó antigo e venerável.

MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

ENVIARAM-ME a seguinte lista dum Ministério Familiar:

Interior — A mulher
Exterior — O marido
Finanças — O sogro
Machinha — O filho
Obras Públicas — A creada
Justiça — ?
Guerra — A sogra

CARLOS FERRÃO

ESTEVE, há dias, no teatro *Maria Vitória*, assistindo a revista que ali se exhibe, o conhecido jornalista Carlos Ferrão. Segundo constatámos, tomou várias notas... Para que seria?

MONUMENTO A EÇA

NO dia 9 prefizeram-se 39 anos que se inaugurou no Largo do Quintela o monumento a Eça de Queiroz. Bourbon e Menezes no *Diário Popular* recordava o facto, com eruditos pormenores. Só se esqueceu dum que me parece relevante. Quando se inaugurou a estátua alguém perguntou porque não

O GRANDE MAESTRO!



Quando a tua alma se imprime
Nas cordas dum violino,
É como um canto divino
Dum encanto sublime!

Quando a tua alma s'inspira
E a face te ruboriza,
A orquestra se carboniza
Com a paixão que a delicia!

Entre os maiores és maior
Do que todos. (Porque não,
Se glórias não engeitas?)

Frederico, não é favor
Que te chamem, com razão,
Schubert Bach... de Freitas!

teriam feito o Eça de corpo inteiro, e logo foi respondido por um dos presentes:

— É que o dinheiro dos amigos não deu para mais!

GRIPES

ENCONTRA-SE ligeiramente engripado, há 11 meses, o nosso camarada Mário Rocha, do

Século Ilustrado. Votos pelas suas longas melhoras.

CHAPÉU NOVO

SEGUNDO nos informam, o sr. Gustavo de Matos Sequeira vai comprar um chapéu novo. O que traz será, arqueologicamente, doado ao Museu dos Amigos de Lisboa.

BACALHAU

TIVEMOS ontem o inefável prazer de saborear algumas gramas de bacalhau. Ay, Caramba! Qué felicidade!

DR. QUEIROZ VELOSO

VIMOS há dias o dr. Queiroz Veloso, na leitaria *Trêvo*, de faca em punho, barrando de manteiga algumas redondas bolachas. Ele tem razão: não se pode escrever imparcialmente a História — com o estômago vazio.

MORALIDADE

romance de Castro Soromenho intitulado *Homens sem caminho*, considerado por alguns um livro imoral, acaba de obter o 1.º prémio de literatura colonial. Diz-se, não sei com que fundamento, que Castro Soromenho pôs no seu volume um *cache-sexte*. Será assim?

CUNHA LEAL E A COZINHA

QUAL o seu prato favorito? — perguntaram uma vez a Cunha Leal.

— Sou eclético em matéria culinária. Em todo o caso prefiro as comidas fortes: um bom cozido à portuguesa, um bom arroz à Valenciana, uma boa *bonillabaisse*...

GOMES MONTEIRO

HÁ dias o *Sempre Fixe*, referindo-se ao escritor Gomes Monteiro a propósito do seu mais recente livro — «Bocage, êsse desconhecido» — chamou-lhe Gomes Martins. Gomes Monteiro mandou o seu cartão ao «*Sempre Fixe*» com êstes versos fulminantes:

*Protesto, meu caro França
Contra êsse crisma rasteiro
com que o meu amigo entrança,
Por chalaça ou destemplança
Meu apelido «Monteiro».*

*Martins eu? Que grande horror!
Protesto e fujo ao encarte.
Monteiro, um seu srvidor
Atento e venerador
Hoje, aqui e em toda a parte.*

*Eis porque o meu ser reage
Ainda que agradecido,
Tire-me essa «camouflage»
Porque então não é o Bocage
Sou eu — o Desconhecido!*

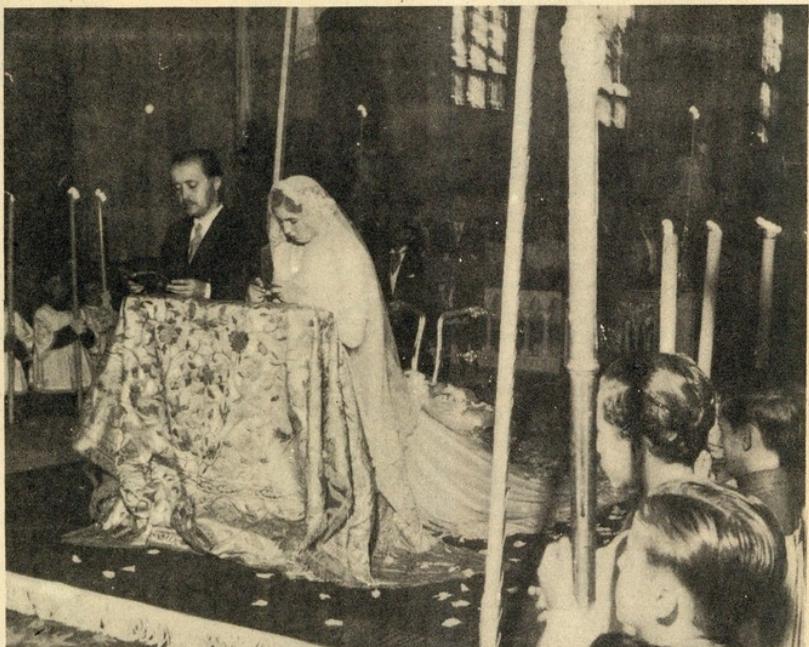
A BICICLETA DE D. ADELAIDE FÉLIX

FOI vista recentemente no Campo Grande a sr.ª D. Adelaide Félix, ilustre escritora. S. Ex.ª andava de bicicleta e, conseqüentemente — pedalando.

Ocasamento de D. Duarte Nuno



O último retrato da princesa D. Maria Francisca de Orleans Bragança, tirado ainda solteira, quando da sua visita à América do Norte.



EM BAIXO: Aspecto que oferecia a nave central da Catedral de Petropolis, durante a cerimonia do casamento. Ao fundo, ladeada por brasões da Casa Imperial brasileira e da Casa Real portuguesa, está colocada a coroa de Bragança. O piso da igreja está coberto por uma rica tapeçaria vermelha, com dois grandes tapetes históricos de Aubusson, no centro. Castiçais de prata, do tempo de D. João VI, com as armas imperiais portuguesas, ornamentam a mesa da Comunhão.

Após a bênção, que foi dada pelo reverendo Pereira Alves, por incumbência do sr. D. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, que se encontrava doente, os noivos rezaram. Os padrinhos da noiva foram a ex-rainha de Portugal, D. Amélia de Bragança, representada pelo sr. conselheiro Camelo Lampreia e o conde de Paris, representado pelo príncipe D. Pedro de Orleans Bragança, irmão da noiva. Os padrinhos de D. Duarte Nuno foram sua irmã a infanta D. Filipa e o príncipe das Astúrias, representado pelo conde de Almada e Abranches. Na foto, que se publica em baixo, vêem-se as princesas D. Filipa, D. Elizabeth e D. Maria Teresa e o príncipe D. Pedro Orleans e Bragança.

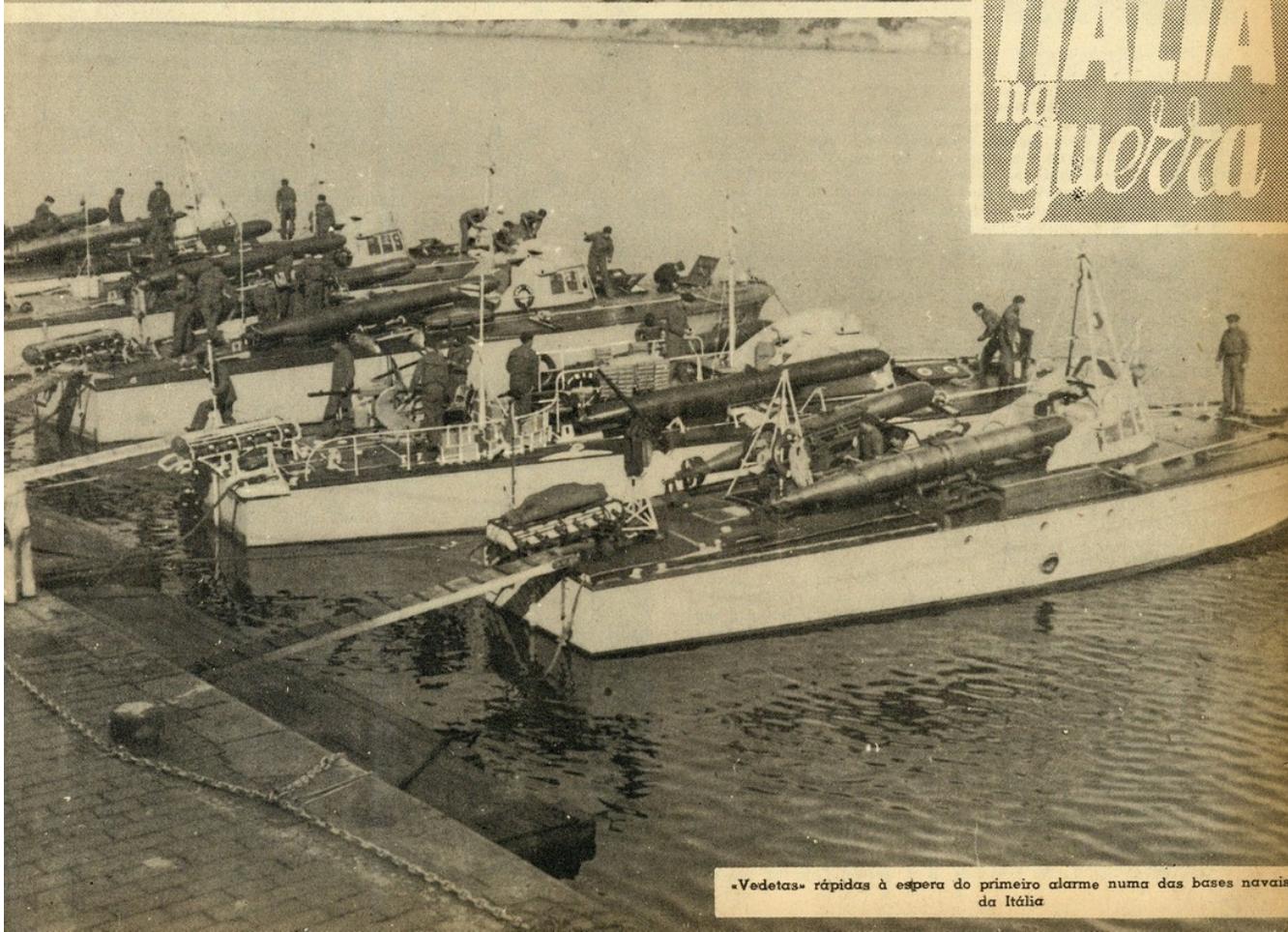
(Fotos inéditas, amavelmente cedidas a «Vida Mundial Ilustrada».)



Uma peça anti-tank italiana em plena acção na batalha do Norte de África



Imagens
da
ITALIA
na
guerra



«Vedetas» rápidas à espera do primeiro alarme numa das bases navais da Itália

Recorda-se a figura militar do chefe do Estado a propósito do seu 73.º aniversário



Alares

Aos cotecores annos, quando
clima do Colégio Militar

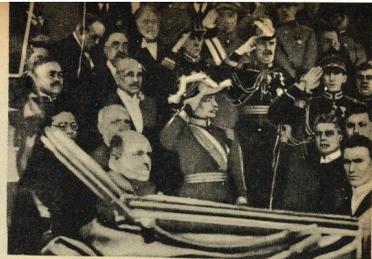


Capião

Em 1889, aspirante a oficial



A ESQUERDA: Grupo de instrutores da Escola Central de Officiaes, em 1915, durante o Grande Governo (o último à direita). — EM MEIO: Assistendo a entrada das tropas que marcharam sobre Lisboa, após o 28 de Maio. — AO CENTRO: Nos julgamentos do «10 de Outubro» promotor de Justiça dos Tribunales Militares. — AO ALTO: A sessão do Parlamento, depois do primeiro eleição para o Chefe do Estado. — A DIREITA: Convesseando com o sr. dr. Oliveira Salazar em 1928.



sua colaboração, o nome do sr. general Carmona foi indicado para fazer parte do Ministério que então se constituiu.
A 3 de Junho foi nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo de que foi exonerado a 6 do mês seguinte.
A 9 de Julho foi nomeado presidente do Ministério e Ministro da Guerra.
Da 4 a 24 de Setembro, o sr. general Carmona exerceu interinamente as funções de Ministro dos Negócios Estrangeiros.
Pelo Decreto 12.740, de 26 de Novembro de 1926, foram atribuídas ao Presidente do Ministério, sem pasta, as funções de Presidente da República e investido nelle, por consequencia, o sr. general Carmona.
A superior clarividencia e o tacto politico com que geriu os negocios da Nação, na dupla função de orientador e coordenador, impuzeram-lhe a veneração de todos os portugueses.
Em 25 de Março de 1928, o sr. general Carmona, unico candidato ao sufrágio da Nação, foi eleito Presidente da Republica por 738.265 votos.
No dia 27 de Abril do mesmo anno, tomou conta da pasta das Finanças o sr. Dr. Oliveira Salazar que já em 1926, a gerira durante poucos dias.
Em 1929, visitou oficialmente a Espanha onde foi recebido pelo antigo soberano Afonso XIII e acolhido carinhosamente pelo povo espanhol.
Dois annos depois, o Principe de Galles, depois Eduardo VIII e o Duque de Kent, de regresso da sua viagem a America do Sul, desembarcaram em Lisboa para cumprimentar, em visita oficial, o Chefe de Estado portuguez.



O próximo dia 24 passa o 73.º aniversário do Chefe do Estado. Algumas solenidades estão preparadas para celebrar essa data, entre ellas conta-se a inauguração dumalápidano prédio onde nasceu o sr. general Carmona.
«Vida Mundial Illustrada» presta hoje, nas suas páginas de honra, homenagem ao Supremo Magistrado da Nação, publicando algumas fotografias da sua vida e do seu passado de militar.
O sr. general António Oscar de Fragoso Carmona que nasceu em Lisboa a 24 de Novembro de 1869 era filho do ilustre general Inácio de Moraes Carmona e de D. Maria Inez de Melo Corte Real Carmona.
Entre os seus ascendentes na linha paterna, contam-se militares distinguidos. Por sua mãe descende do grande navegador português do século XX, João Vaz Corte Real.
A vida militar do sr. general Carmona constituiu um nobre exemplo de devoção patriótica, no culto pelo dever, e no seu intrinseco cumprimento.
Féz os seus primeiros estudos no Colégio Militar onde marcou um lugar de honra, como aluno aplicado e intelligente.
Assentou praça na Grande Guerra, exercendo em 1914, o cargo de instrutor da Escola Central de Officiaes, ao lado dos generaes Abel Hipólito, Garcia Rosado, Magalhães Ramalho, Veiga da Cunha, Coelho de Oliveira e Siniel de Cordes. Depois foi-lhe confiado o commando da Escola Prática de Cavalaria, onde exerceu uma larga e profícua acção.
Nos julgamentos dos revolucionários do «10 de Outubro» desempenhou a função de promotor de justiça, accusando com nobre energia, sem recuo de reparações.
A sua fôlha de serviço apresenta-o como militar disciplinado, soldado valeroso e escrupulosamente cumpridor.
A sua intervenção na vida politica data apenas de 1923. Quando em Novembro, se formou o Governo de General Machado, pediu-se ao Exército que indicasse o nome do militar que haveria de sobraçar a pasta da Guerra.
Era-lhe tão alto o prestigio do sr. general Carmona que o novo Chefe do Governo confiou o imperativo do Exército, teve de se coadunado a trocar o commando da 4.ª Região Militar pela pasta da Guerra.
Ao convite que lhe foi formulado, o sr. general Carmona opôs uma

realistática que só teve por limite o superior interesse do País e da corporação que pessoalmente servia. Ao serem-lhe ponderadas as muitas razões que impunham o seu nome, accitou o cargo com quem accita mais uma commissão de serviço.
E pôde registar-se este facto até então inédito: o ministro da Guerra declarar publicamente que, estando no Governo por mandato do Exército e apenas para servir a Nação os assuntos de carácter politico estavam completamente alheados da sua pasta.
Foi, porém, efêmera a sua passagem pelo Poder: o Ministério General Machado caiu em 18 de Dezembro, não chegando a governar um mês, dando-se porfim ao caso singular de ser o primeiro governo que, dentro da Republica, conseguiu dominar um movimento de revolta.
O sr. general Carmona retomou, o commando da 4.ª Região Militar, em Évora.
Pouco tempo depois deu-se a revolta militar conhecida pelo «18 de Abril».
O movimento que tinha sido um brado de alarme contra o mau cami-



no por que corria a vida da Nação, foi jugulado, e os revolucionários submetidos a julgamento. E o governo, então presidido pelo coronel Vitorino Guimarães, teve de procurar no Exército um militar cujo prestigio o indicasse para a grave função de promotor de justiça, foi designado o sr. general Carmona.
A sua attitude neste julgamento pôde fixar na sua biographia como exemplo de patriotismo. Conhecedor do espirito que animava os revolucionários do «18 de Abril», o general Carmona, do alto da sua autoridade de magnifico clamo a incongruência de se sentarem no banco dos réus homens movidos pelo mais puro patriotismo.
— Se lá fora passavam livremente os caudatões dos males da Pátria e se encontravam aqui como criminosos estes honras de tanto valor civiis, é porque a Pátria está doente!
Os réus eram os sr. general Siniel de Cordes, comandante Pilomeno da Camera e coronel Raúl Esteves.
A intenezza de carácter, o patriotismo com que defendera os réus sozinhos arranzando-se com eles, do seu lugar de accusador, valeu-lhe a demissão do commando da 4.ª Região Militar, em que foi reintegrado logo após o movimento de 28 de Maio.
Em 1926, victoriosa a revolução de 28 de Maio, para que foi pedida a

A Constituição Politica aprovada pelo plebiscito de 19 de Março de 1933, ampliou a duração do mandato presidencial de cinco para sete annos.
Terminado o septenio da sua magistratura, o sr. General Carmona foi reeleito em 17 de Fevereiro de 1935 Presidente da Republica para o septenio seguinte, por 738.763 votos.
A sua candidatura foi acolhida com verdadeiro jubilo por toda a Nação. Na verdade, a estabilidade que desde 1926 tem havido na suprema direcção do Estado, depois da instabilidade dispersiva e dissonante que tinha havido desde 1910, fica a Nação a dever-lhe as eminentes qualidades, a alta distincção moral e inextinguível patriotismo, ao equilibrio de espirito e ao prestigio do Senhor General Carmona que tão firmemente interpretou a estacada disciplinadora da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926.
Em Abril de 1935 a Assembleia Nacional approvou um projecto de lei elevando-o ao marechalato, mas o sr. General Carmona, negou-lhe, porfim, a promulgação.
Visitou em 1938 as colónias portuguesas de Angola e S. Tomé e Príncipe e, em 1930, as de Cabo Verde e Moçambique.
Pela primeira vez um Chefe de Estado portuguez honrou com a sua presença os territórios ultramarinos que fazem parte do Imperio Colonial Portuguez.
Por occasião da ultima destas viagens, visitou a União Sul-Africana, a convite de Jorge VI, Rei de Inglaterra.
Em Julho de 1941, visitou o Arquipélago das Açores, onde teve um caloroso acolhimento da população.
Estas viagens focam uma affirmacão da unidade moral e jurídica do todo individual que é Portugal d'aguém e d'alem-mar.
Em 1942, terminando o seu mandato, foi reeleito Presidente da Republica para um novo periodo de sete annos, tomando posse perante a Assembleia Nacional no dia 15 de Abril.

NESTA GRANDE ALDEIA... QUE É LISBOA!



«A PASMACEIRA» INDIGENA OU A PRISÃO DO «VIGARISTA»
(POR STUART DE CARVALHAIS)

TRÊS ASSOBIOS

(Das memórias de Raul Azinhaga,
engenheiro, celibatário e imaginativo)

por Bastos Guerra

RECONHEÇO: devo ser doido. Os outros também são. Simplesmente, estou em minoria. Juntos, eles esmagam-me.

Não julguem que a minha loucura se manifesta por algumas daquelas formas extremas e ao internamento em clínicas privativas — e à interdição judicial, quando há bens que justifiquem o carinho e a dedicação dos parentes próximos.

Nada disso. Sou incapaz de impulsos de violência ou de destempers de conduta. Não ameaço ninguém, não interrompo o trânsito. Não falo alto na praça pública, não digo mesmo o que penso, pois sei como é sempre grandemente perigoso.

Obedeço às leis, às praxes e aos ditames da prudência. Expresso-me com correção. Tiro o chapéu aos conhecidos. Bem entendido, tiro o meu chapéu e não o deles. Portanto, nem sequer sou cleptomano.

Acredito na verdade, no melhoramento da vida, na bondade e na tolerância dos homens. Não há dúvida: sou louco. Trata-se, como vêem, de loucura mansa.

A paisagem da minha demência assemelha-se à de qualquer extensão chã, sem ressaltos, sem árvores copadas, sem muros que cortem a perspectiva. Salvo pelo que respeita a certo pequeno pormenor, que corresponde a um marco geodésico, saliente na planura: eu gosto de assobiar.

Sim, tenho a mania de assobiar. Será, no entanto, uma verdadeira mania? Ou não passará de tendência normal, natural, licita, perfeitamente humana?

Este acto de exalar, através dos lábios contraídos, uma delgada coluna de ar, dando-lhe modulação musical — decerto tem raízes no mais profundo do nosso ser. Deve haver razões históricas. Deve haver razões biológicas.

O homem primitivo — embora não conhecesse as composições de Palestrina, Mozart, Berlioz e muito menos a *Margarida vai à fonte* — talvez já assobiasse, nem que fosse para atrair as feras ao embate contra o seu machado de sílex.

«Os celtas arremessavam setas para o céu quando tropejavam». Pode supor-se que ao mesmo tempo assobiavam, ou por desafio, ou para estimular a própria coragem, ou para sublinharem o disparar do arco.

Em épocas ainda não muito recuadas, os chineses, empregando horríveis caracás e dragões lançam-chamas para afugentar os inimigos, naturalmente acompanhavam esses estrategemas com assobios, sinistros ou irónicos, sincronizados no devido ritmo bélico.

Com a invenção do vapor, as locomotivas fizeram seu o assobio, como distintivo e palavra de passe. A indústria, obra do homem, inspira-se no homem. O apito dos grandes expressos é a adaptação, ampliada, do assobio humano.

Nada mais admissível que os filhos de Adão nascessem sem saber assobiar. Mas, atentos à Natureza, não resistiram à impressão que lhes ausou o silvar do primeiro ciclone. Dentro das suas menores possibilidades, esforçaram-se por copiar a voz da ventania — e assim surgiu o novo processo de expressão, que tem mil utilidades: reproduzir a música

uma das mais vitais afirmações da pessoa.

Regulou-se minuciosamente o direito de propriedade e o direito de voto. Todavia, mesmo sem a cautelosa protecção legal, vale bem mais um assobio oportuno e o seu alcance é por vezes inapreciável.

O problema consiste apenas na escolha do local. Existe a vontade de assobiar. Existe a possibilidade fisiológica de assobiar. Existe o direito de assobiar. Onde, porém, se pode assobiar?

Problema agudo — e agudo até sob o ponto de vista musical, uma vez que os sons do assobio pertencem

uma ilusória esperança. *Aqui*, ou seja, apenas no salão que cheira a bafo e onde se recebem enfadonhas visitas.

Vamos assobiar no corredor... A mesma voz, pelas mesmas palavras, repete a intimação: «Não assobie aqui».

A casa de jantar, o quintal, o pátio, o escritório do papá, a cozinha — está tudo incluído no «aqui». Na rua é também feio assobiar. E no cinema. E quando nos levam a ver os palhaços. E no Jardim Zoológico. E na saleta da nossa tia Almerinda.

«Aqui» tem uma amplitude enorme: é toda a casa, todo o bairro, toda a cidade — toda a vida.

Resta-nos o recurso de assobiar baixinho no nosso quarto de criança, baixinho porque os papás dormem e vigiam próximo. Mas assobiar em surdina não é assobiar. Um direito que se exerce a médo equivale à sombra de um direito. O assobio digno desse nome é vigoroso, triunfal, com sonoridades fortes que exteriorizem bem a nossa personalidade e o nosso direito de assobiar.

Crescemos — e a situação complica-se. Não se autoriza o assobio na sala, nem no vestíbulo, nem na varanda. Ainda menos pode assobiar um homem decente, estimado por pessoas de consideração e respeitado pelos vizinhos. As vezes, ao fazer a barba, sibilamos as primeiras notas do *Sonho de Valsa*. Tentação fugaz, num ápice estrangulada: diminuiríamos no conceito da nossa mulher, dos nossos filhos, do nosso pessoal doméstico. Assobiar já é mais que feio. É acto de baixa condição, revelador de maneiras pouco recomendáveis.

* * *

De há muito me atormentava a descoberta de uma solução razoável, de modo a conseguir o equilíbrio entre o meu irresistível instinto do assobio e a repressão social que me rodeia.

A força de procurar, parece que encontrei.

Vivo numa «parte de casa», instituição das grandes cidades a que tive de sujeitar-me, por imposição da minha limitada bóla.

«Parte de casa» é uma denominação feliz, pois semelhante restrição ao domicílio individual e a consequente primiscuidade dão realmente vontade de partir de casa ao alvorecer e só regressar altas horas.

A inclinação do andar, minha hospedeira, não tem notáveis encantos físicos. Volumosa, redonda, oscilando sobre pernas pouco firmes — parece um balão cativo. É, contudo, simpática e acolhedora, sob condição do pagamento pontual, que aliás sempre primei em fazer.

Um único senão, uma única nota discordante em tal simpatia e acolhimento: Dona Laura tinha um canário.



que nos encanta, chamar um «táxi», criticar um actor, entreter o tédio, aligeirar as paciências de cartas, em suma, traduzir tanto o espanto, como a alegria, como o desagrado, como a inquietação.

Não é ousado asseverar, por conseguinte, que o assobio faz parte do património colectivo. É uma necessidade. É um prazer. É um derivativo. É um direito.

Esqueceram-se de o incluir na *Declaração dos Direitos do Homem*. Lápso grave, mas não irreparável. Porque a faculdade de assobiar não pode suprimir-se, sendo, como é,

cem aos mais altos da gama.

Nos nossos tempos, por artificialização ou hipocrisia, o exercício do assobio está reduzido ao mínimo.

Observar alguém: — Essa agora! Cada qual assobia quando lhe apetece.

Não é assim.

Em pequenos, se queremos seguir tão legítima inclinação, logo os nossos pais ou os nossos encarregados de educação nos advertem: — «O menino não assobie aqui. É feio assobiar».

O *aqui* deixa-nos a braços com a dúvida e, deslealmente, cria em nós

Um canário significa, para mim, um concorrente, um rival. Mais do que isso: um açambarcador do assobio.

Fácilmente se imagina que eu não me atreveria a assobiar nos aposentos cedidos por Dona Laura: deixaria de estar incluído entre a gente bem-educada. Ele, porém, ele, o canário, assobiava com a maior petulância de manhã e à noite, quando eu saía para o emprego e quando recolhia, quando atravessava o corredor e quando estava vestindo o pijama para deitar-me com a consciência do dever cumprido.

Era injusto. Dir-se-ia até que o canário perscrutava os meus pensamentos e insistia em trinar demoradamente, provocantemente, sempre que as ondas sonoras podiam alcançar-me.

Ele sabia bem que fruía um autêntico monopólio e que eu me via inibido de lhe ariehatar ou sequer disputar a supremacia.

Além disso, cumpre-me reconhecer a dolorosa verdade: o *Mestiço* (assim lhe chamava Dona Laura, entre efusões de ternura) assobiava muito melhor do que eu, tanto mais que não me era possível adestrar-me ou mesmo praticar por música, fazendo escalas ascendentes e descendentes e marcando o compasso.

O *Mestiço* era um profissional: eu, por esse andar, nunca iria além do mais modesto amadorismo.

Pior que tudo, realmente humilhante, era ouvir Dona Laura comentar, embevecida: — «O *Mestiço* assobia tão bem!».

Custa muito fazermos sentir, involuntariamente que seja, a inferioridade da nossa situação, a insuficiência dos nossos meics.

Um dia não me contive e deixei transparecer o meu despeito.

A boa senhora praguejou-me: — Não gosta do *Mestiço*?

Respondi como se falasse na generalidade:

— Tenho azar com os animais de pena...

— Ora! O meu marido é escrevente e nunca me deu razão de queixa.

Não abordei mais o assunto. Os meses iam passando e, com eles, a minha alegria de viver.

* * *

Até que um expediente me ocorreu, com a clara luz da evidência. Arrendaria um quarto! Nervosamente redigi e levei à agência de publicidade o anúncio conveniente:

QUARTO

Só paredes, precisa-se para assobiar. Escrever para o n.º 1.238.

Parecerá singular que eu sobre-carregasse o meu orçamento com a despesa de uma dupla renda mensal. Todos achariam de melhor proveito que gastasse o meu dinheiro em coisas mais absurdas: coleccionar selos, adquirir tratados de arqueologia, participar em banquetes de homenagem, procurar transacções ruínas, fazer tratamentos nas estâncias termais. Julgariam todos mais aceitável que applicasse os meus bens em satisfazer alguma dessas paixões correntias e tôlas que a opinião pública absolve: correr atrás de móveis antigos, seleccionar cães, pôr casa a uma corista, construir um jazigo de mármore...

Pouco importa o que os outros pensam. E o esbanjamento não era desmedido. Únicamente a renda do quarto. O assobio, por si só, não me trazia nenhum encargo. Nem álbuns, nem decorações, nem meias de seda. Nem sequer alimentação: o assobio

come ao mesmo tempo que eu, almoço e janta comigo.

Ninguém foge ao seu destino — e eu precisava urgentemente de assobiar.

Vieram numerosas respostas ao anúncio. Algumas consideravam grahlha tipográfica o «*assobiar*» e tinham como certo que eu pretendia *mobilizar* o quarto vasio. Outras atribuíam à expressão, sentido equívoco e eram redigidas com acentuado senso das realidades quotidianas.

Na avalanche de cartas escolhi a que se me afigurou mais merecedora de atenção e encaminhei-me para a direcção indicada. Recebeu-me uma velhota, de olhos piscos e inteligentes, que me disse à maneira de boas-vindas:

— O senhor destina o quarto para o que quiser. Pagos os dois meses de caução, é seu e não tenho nada com o resto.

— Vou apenas assobiar.

— Bem. Alugo-lho para dormir e pode passar a noite acordado.

Fechei imediatamente o negócio. Horas depois, comprei uma cadeira de lona, dessas que se dobram como guarda-chuvas, e um cinzeiro para os intervalos de repouso. Nada mais era preciso. Tomei posse da instalação. As paredes nuas serviam, para o caso, às mil maravilhas. Sem relêvos a interceptar as vibrações, sem armários agressivos, sem quadros estúpidos cuja contendação me prejudicaria. E comecei os meus exercícios.

Enfim, alcançara a carta de alforria — isento das inibições da etiqueta, isento dos reparos desagradáveis, isento da hostilidade de familiares e de vizinhos.

Durante semanas — dōze horas por semana — assobieei a meu bel-prazer, ao princípio árias inofensivas e sem destacada significação melódica, depois aperfeiçoando-me na emissão de peças de grande concôrto.

Passei a ser, do mesmo passo, um perito e um homem livre. Usualmente a primeira qualidade exclue a segunda.

Realizei-me. Aquele quarto — é a minha gaiola. Coisa inédita: uma gaiola voluntária.

* * *

Ante-ontem, fiquei só em casa de Dona Laura. Era domingo. Todos tinham saído. Todos, menos o *Mestiço*.

Tal como um «boxeur» que aspira ao titulo de campeão e se regozija com a chegada do momento decisivo, após longo e paciente treino — aproximei-me, com vagar, do meu antagonista canário e, através das grades, assobieei-lhe alguns compassos da *Rapsódia Húngara*.

O desprevenido lutador ripostou-me com vários trilos, impecáveis em mérito absoluto, mas muito áquém das minhas capacidades actuais.

Sem interrupção, modulei a *Scherazade*, o *Mercado Persa*, a *Canção Hindú* — o meu melhor repertório oriental.

Desta vez a réplica foi mais débil e um pouco confusa; Batido aos pontos — pensei; e a minha fé na vitória subiu ao auge.

Empreguei-me a fundo: Beethoven, Chopin, Debussy.

O *Mestiço* calára-se e fitava-me com ólho espantado.

Então ataquei com decisão um «samba» em voça, que ele seguramente não tivera ainda tempo de aprender.

O meu adversário não respondeu. Perdera a confiança em si próprio. Sofria — percebia-se bem — de um complexo de inferioridade, como se

diria em linguagem elevada. Fez-se um silêncio angustioso. De súbito, o *Mestiço*, numa atitude de vencido, deixou descair as abas do seu fraque amarelo. Sem convicção, soprou: *pio... pio... pio...*

Aproximei-me mais. Estava morto.

Aqueles três assobios (se assobios podiam assim chamar-se) ficaram registados nos meus ouvidos, atestando a grandeza do feito. Aspectos da luta pela vida.

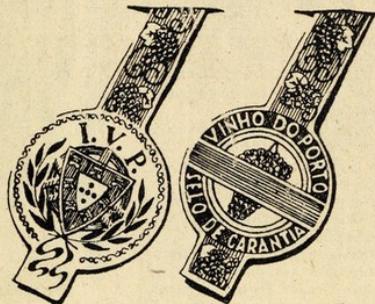
Eliminado tão insolente como favorecido competidor, sinto-me agora mais à vontade no terceiro andar de Dona Laura. É verdade que aí não assobio. Mas estou tranqüilo e ao abrigo de provocações cobardes. Para assobiar, tenho o outro quarto — só paredes, sem contar com a cadeira de lona e o cinzeiro dos momentos de ócio.

... Pois não terei o direito de assobiar?!



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos — corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



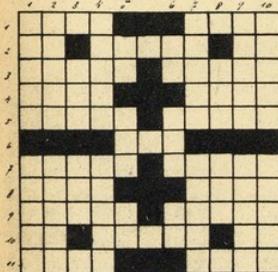
Figuras da Vida
MUNDIAL



O ALMIRANTE STARK, CHEFE DAS OPERAÇÕES
NAVAIS NORTE-AMERICANAS NA EUROPA.
(Caricatura de Santana)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 48



HORIZONTAIS: 1—Murcha; Dólmen, 2—Qualquer; Feijão carapato; Outra coisa, 3—Esconder; Sacho para mondar, 4—Aqueles; Casta de uva de Azeitão, 5—Fortalecer; Ter som forte e confuso, 6—Medida de superfície de cem metros quadrados, 7—Branças; Despedida, 8—Fazer estrondo; Interj. pleb. (designativa de cólera), 9—Narciso; Rebocar, 10—Viração; Brasa viva; Não, 11—Vais para fora; Vento, que sopra do Oriente e do Nordeste.

VERTICAIS: 1—Embarcação longa e chata, de vela e remo; Gigante filho de Júpiter e de Clímene, 2—Amontoar (dinheiro); Louvãra, 3—Variação do pronome Eu; Baixo, 4—Anuncia; Penhor, 5—E a Vênus dos Assírios e Arabes; Arrás; Artigo feminino plural, 6—Preposição; Nome científico do mais; Adeus, 7—Amargo; Indica a data de, 8—A plebe; Herdade, dividida por marcos, 9—Pesar, para abater a tara, Mistura com urânio, 10—Que não fala; Trabalho, feito de noite.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 47

HORIZONTAIS: 1—Mal; Dia, 2—Flor; Ris, 3—Er; Vem; Sa, 4—Simão, 5—Jús; Sto, 6—Laico, 7—Es; Ora; El, 8—Mel; Ave, 9—Moi; Aca.

VERTICAIS: 1—Fel; Têm, 2—Mor; Sem, 3—Ar; Sul; Lo, 4—Visão, 5—Bem; Ira, 6—Masca, 7—Ir; Oto; Ac, 8—Ais; Eva, 9—Sal; Ele.

A ESCRITA É A MELHOR INFORMAÇÃO DO SEU AUTOR

por Clotilde Randi

A grafo-psicologia é, como dissemos, a ciência que tem por finalidade identificar o carácter pelo exame da escrita.

Longe de parecer menos útil, o alcance prático da grafo-psicologia assume aspectos interessantes. Não é por dilettantismo que dois grandes países como a Alemanha e a América do Norte, hoje infelizmente em guerra, mantêm, nas grandes companhias de seguros, nas sociedades comerciais, em muitas repartições públicas, grafólogos em permanente serviço. Porquê tal cuidado?

Pela razão de que um grafólogo vê na escrita, e, em especial, na assinatura, a vitalidade, a saúde, a vontade, o juízo, o grau de moralidade do seu autor, permitindo aos ditos organismos seleccionar os indivíduos por aptidões, colocando cada um no seu justo lugar, com proveito para eles próprios e para a sociedade.

A grafo-psicologia permite uma coisa de que tanto se fala na actualidade: a revisão de valores pessoais.

Ná doença por exemplo, antes que a observação vulgar, inclusivé a clínica, diagnostique um parálitico geral que, posto à frente dum estabelecimento, dum serviço público, poderia cometer actos irreparáveis, o exame psicológico da escrita rapidamente dá conta do estado físico e mental que escrevente, isto é, do candidato a tal ou qual chefia.

Aventamos agora isto: se precisássemos de uma pessoa reúmindo as qualidades de actividade, domínio próprio, reserva, agudeza de espírito, que passos daríamos para a escolher entre um número de indivíduos concorrentes?

Deixávamos o expediente das agências de informações, sempre duvidosas; não iríamos certamente atender apenas ao grau de instrução, pois a vida é um curso que não se aprende

nas escolas; não. Procuraríamos, é evidente o palpito das bruxas. Mas tomaríamos apressadamente o conselho precioso do grafólogo que examinando as escritas em questão logo as rejeitaria ou escolheria qualquer dentre ellas.

O autor desta escrita deve ser o escolhido.

O traçado da letra bastante rápido, com as letras ligadas, apesar de uma harmonia de conjunto que não prejudica a legibilidade nem o arranjo, é sinal seguro de *actividade!*

As letras simplificadas sem grandes desigualdades e quasi direitas, indicam o *domínio próprio*.

As letras traçadas com firmeza, sem impulsos nem sacões, fechadas, os traços dos *tt* fortes, denunciam a *reserva*, a pessoa que não dá com a lingua nos dentes...

A clareza da escrita, a harmonia de conjunto, ligações originais entre as letras, traços aguçados, rapidez de traçado, personalismo gráfico, mostram com segurança a *agudeza de espirito*.

E o conselho do grafólogo era para nós uma ordem.

A grafo-psicologia será amanhã uma ciência acreditadíssima em Portugal, quando nos dispusermos a substituir a improvisação pela organização, o humilhante analfabetismo pela boa instrução.

CONSULTÓRIO PSICO-GRÁFOLÓGICO

Para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada», iniciámos este consultório. Assim podem enviar-nos espécimes de escritas para análise, acompanhados da rubrica ou assinatura e dum pseudónimo.

Publicaremos a resposta gratuitamente, que será rápida e concisa.

Resposta desenhovélida, só por intermédio do Instituto Grafológico Português.

Análises psico-grafológicas para conhecimento de si mesmo e dos outros.

Peça informações ao Instituto Grafológico Português,
Rua Chaby Pinheira, 23, 2.º. Esq. — Lisboa.



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



fala e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
10.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
12.15.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s) 13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Entre nós



O prédio n.º 37 da rua de Santo António dos Capuchos, onde, no próximo domingo, vai inaugurar-se uma lápida comemorativa de ali ter nascido, no dia 24 de Novembro de 1869, o sr. general Carmona, venerando Chefe do Estado. A iniciativa da cerimónia pertence à Federação das Sociedades de Recreio, e a ela presidirá o sr. dr. Manuel Pais de Sousa, ministro do Interior.

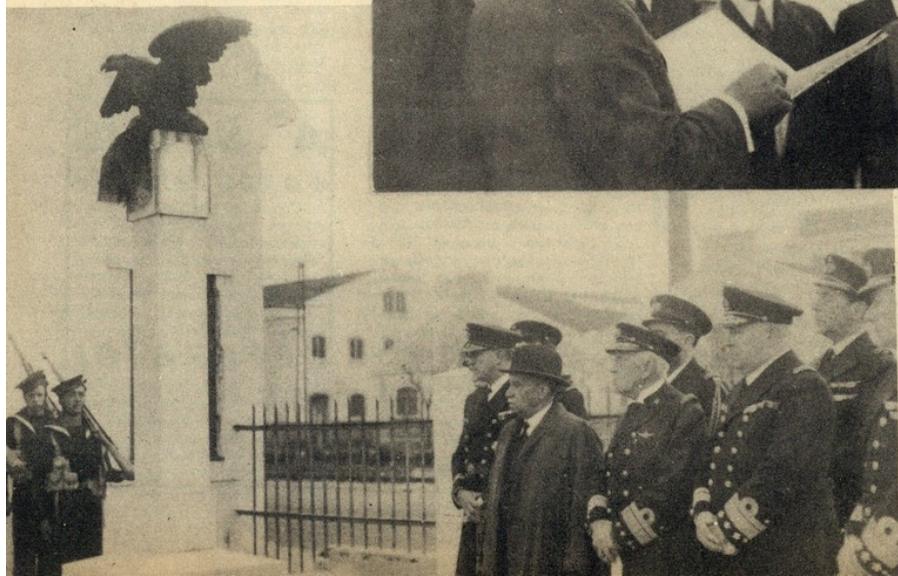


O sr. Presidente da República inaugurou, no último sábado, no estúdio do S. P. N., uma exposição de trabalhos do pintor Eduardo Malta. O sr. general Carmona, que percorreu demoradamente a Exposição, para a qual teve palavras de quente louvor, foi recebido e acompanhado pelos srs. António Ferro e António Eça de Queiroz, pelo S. P. N.; general Amílcar Mota, professor dr. Reinaldo dos Santos, presidente da Academia Nacional de Belas Artes; dr. Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura; dr. João Pinto, pela S. N. Belas Artes, e outras individualidades.



No Arsenal do Alfeite foi entregue à Marinha de Guerra o petroleiro «Sam Brás», de 7.000 toneladas, construído naquele estabelecimento fabril. Representaram a Armada o comodoro sr. Oliveira Pinto, o comandante sr. Máximo Rodrigues Júlio, delegado da Superintendência da Armada e o comandante sr. Joaquim de Oliveira Júnior.

Comemorando o 18.º aniversário da morte do aviador Sacadura Cabral, realizou-se, na base do Bom Sucesso, formatura na presença dos almirantes srs. Gago Coutinho, Aires de Sousa, Afonso de Cerqueira, Sousa Ventura e Alvaro Marta, comodoro Oliveira Pinto e oficiais aviadores de marinha.



panorama internacional

Os Estados Unidos chegaram à Europa

por Francisco Velloso

OS acontecimento que descrevemos na nossa última crónica, tomaram desde o dia 4 e 5 do corrente o volume que os projectou para a mais alta linha dos horizontes internacionais. Todos eles fazem derivar a guerra, como há muito se previra, para a zona geral do ocidente europeu, no momento em que a campanha germano-russa entra no amortecimento que lhe impõem os frios e os nevões. É esta a primeira impressão dominante, e também por assim dizer, a sua impressão característica.

RECORDANDO E REVENDO

Há um aspecto objectivo destes sucessos a propôr neste momento. Erro fatal da diplomacia franco-britânica permitiu a Hitler evitar a guerra de búsca a duas frentes mediante o seu tratado com a Rússia. Pôde assim o grande estado-maior alemão voltar-se em massa contra a França, a Bélgica e a Holanda e ganhar a primacial das batalhas da guerra que lhe deu directa e indirectamente, depois de ocupadas a Noruega e a Dinamarca, o domínio real do Continente. Nunca como nesse momento a aura de Hitler e da Alemanha foi tão larga e poderosa. Quem viveu esses dias trágicos de 1939 e 1940, não voltará mais a assistir a outro espectáculo igual na história, e por muito tempo — há-de falar dele recordativamente, tal como nossos trisavós lembravam os dias do apogeu napoleónico disferido a vôo de água sobre toda a Europa de há quasi século e meio.

Desde então, a guerra foi um alastramento. Firmada na grandiloquência desta vitória, a Alemanha lançou-se, convencida de a completar fulminantemente, primeiro contra a Inglaterra, depois contra a Rússia, em meados de 1941. Com o pleno péso dos seus exercitos invencidos. Teve ainda a liberdade de movimentos porque a búsca não existia e podia à vontade escolher o campo de batalha na hora que mais lhe aprofvesse.

Deixemos de banda por sobejamente vivos ainda os resultados politico-estratégicos dessas duas campanhas, que para o caso imediatamente não importam. Olhemos antes para o panorama que era o imenso predomínio da Alemanha. Hitler tinha a Europa continental dominada. A realidade era esta, e ela poderia dizer da guerra nesse momento o que Byron dizia das mulheres, que já não podia viver com elas nem sem elas.

Nessa conjuntura, havia dois únicos pontos (e ambos fora do continente) onde o exercito alemão tinha necessariamente de se defender do seu grande e gigantesco adversário, a Inglaterra: — um no arquipélago britânico, outro na África do Norte. O primeiro era viveiro da resistência e sede permanente das ofensivas; o segundo era a garantia do Mediterrâneo para a Inglaterra, e a de que, uma vez segura ela para a Alemanha (no fundo, o fundamento da coalisão do «Eixo», projectada e realizada por Hitler), estaria impedida a todo o tempo qualquer tentativa de assalto da Europa pelo sul, sobre os dois grandes e históricos caminhos vulneráveis do Reich: — a Itália e os Balcãs, visando a linha histórica do Danúbio.

Hoje, vê-se melhor e com mais clareza a razão do firme empenho porque Hitler confiou então ao melhor dos seus generais, Rommel, a guarda desse vitalissimo sector, como, sem a vitória de Wawell sobre Graziani, a Inglaterra estaria peiada, e como sem a vitória de Rommel, no vasto bastião europeu da Alemanha o alto comando germânico não teria podido lançar-se pelo menos na ofensiva de 42 contra a Rússia, devido exactamente àquela ameaça desencadeada do sul.

Ainda há pouco, este ponto de vista recebia autorizada confirmação nos seguintes pareceres de um critico militar francês. Dizia ele, debatendo luminosamente o que chamava «a fase equivocada desta guerra, entre a superioridade e o equilibrio» de forças para uma decisão militar, concluindo logicamente que ela dependia da primeira e não do segundo, — dizia ele, repetimos, não apreciar o desenho estratégico da batalha da Rússia que «a região de Voronezh, a de Estalingrado e do Cáucaso constituem outras tantas barreiras, entre as quais se estende a passagem do Mar Cáspio ao Mar Negro, ocupada pelos exercitos alemães, situação estratégica que tipicamente se chama, para assim dizer, a manobra de cerco», restando então, isto é em meados de Setembro, saber se os russos estariam em termos de manter e depois de explorar esta situação. E seguidamente, recordando que em Novembro de 1941 a imprensa anglo-saxónica discutira uma situação análoga quando os Alemães se aproximavam do Cáucaso, o mesmo comentador, embora admitindo a possibilidade que se offeria ao exercito britânico do Próximo Oriente de atacar nessa cordilheira enquanto os russos se bateriam ofensivamente no Volga (hipótese que um dia poderá surgir) não hesitava em obterperar no entanto: — *Mas decisivo a este respeito será acima de tudo o desfecho da nova batalha desencadeada por*

Rommel.

É evidente que isto influiria na guerra.

A BÁSCULA

A base do plano dos Aliados na batalha que a partir de 3 e 4 do corrente Alexander e Montgomery vitoriosamente executaram, joga portanto em relação com a sustentada pelo exercito alemão na frente leste, quasi como em búsca, ou seja com reflexos de alternativa, num sistema semelhanté ao de duas frentes.

Sem dúvida há nela objectivos politicos de enorme amplitude, como os da reconquista das rotas maritimas desde a Inglaterra e a América para o Próximo Oriente (onde a posição leal e firme da Turquia assume cada vez mais uma importância extraordinária), os da influencia politica e económica em tôdas as nações occidentais do Mediterrâneo, e os da segurança dos caminhos estratégicos para o Atlântico Central e do Sul. Qualquer deles é de transcendente alcance para já, e mais ainda para operações contra a Itália, começando eventualmente sobre a Sardenha e a Sicilia.

Mas mesmo assim, é preciso não perder de vista que, para além da linha vital de Suez, tão ambicionada pelo estado-maior alemão (para isso se lançou contra Creta em vez de contra a Turquia, e tão preciosa para a Inglaterra, e seu Império, há naquele jogo a interlação inevitável da frente da África do Norte com a da Rússia.

Daqui surgirem alguns a defender que, da parte dos Aliados, deveria ter havido, em perfeita sincronização, um ataque no Egipto simultâneo de uma ofensiva de Timochenko. Hoare Belisha, sempre azedo e despeitado, foi proclamá-lo em artigo de um jornal de Buenos-Aires, asseverando que por não se ter effectivado essa sincronização, a hora de atacar eficientemente já tinha passado para os Aliados.

Em Setembro, como se vê, dado o retardamento dos preparativos, sobretudo no que respeita à intensificação febril da produção anglo-americana de guerra e à sua distribuição em massa e com superioridade indiscutível nos teatros principais de operações, ainda a probabilidade era a de que Rommel iria tomar a dianteira da ofensiva sobre Alexander e Montgomery, para cortar à Inglaterra e aos Estados Unidos a possibilidade de acudir aos russos no Cáucaso, feri-los no

Próximo Oriente e em Ankara, e completar a liberdade de acção arrebatada no Mediterrâneo à esquadra inglesa com a liberdade politica para a Alemanha de organizar a Nova Ordem e a defesa do Continente europeu contra a anunciada Nova Frente, a qual quasi ninguém julgava possível.

Ora, todos no imperativo de tôdas estas mesmas circunstâncias, verificou-se que os Aliados activaram os seus preparativos, sob a protecção e penhor essenciais do enriquecimento da resistência russa, conquanto já feita de costas para o Volga e nas escarpas do Cáucaso; e assim puderam executar — precisamente na África do Norte, isto é na Outra Frente, em conexão com a da Rússia, e antes que os alemães de Rommel tomassem ascendência, os seus grandes e sensacionais movimentos a cuja abertura vimos de assistir: — a ofensiva e batalha do Egipto, a ocupação da África Francesa do Norte.

A Rússia foi desde Junho de 1941 o fulcro da acção militar dos Aliados. A partir de Outubro de 1942 deixou de o ser. O primeiro efeito deste rasgo do alto-comando dos Aliados é o de que, de facto, passou a haver duas frentes aliadas e alemães nesta espantosa guerra. Restabeleceu-se a búsca. Não como em 1914, mas sem deixar de funcionar como a outra e com os dois grandes partidos nas mesmas posições: os Aliados na periferia, as potências do «Eixo» nas linhas interiores. E foi na periferia que os Aliados vibraram o seu golpe.

UMA VITÓRIA DE ABERTURA

Entre 30 e 31 de Outubro. Rommel ainda tentava em contra-

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalar o organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em tôdas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou occupações do enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espirito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11500.

EM TODAS AS FARMACIAS

-ataques o esforço de uma ruptura na frente entre o mar e a depressão de Catara, interpolando o movimento de ataque inicial que, colado e às marteladas ao inimigo, Alexander e Montgomery vinham executando desde 24. Mas a 3. os generais ingleses obtinham os primeiros resultados: a frente alemã estava abalada, e a 4 e 5 o Afrika Korps começava a retirar.

Não poderá pois, dizer-se o marechal não tentou adiantar-se ao adversário. Fosse ou não verdade que ele, em face do bombardeamento esmagador com que a R. A. F. lhe devorava as retaguardas, pedira reforços na Alemanha, pois sabia muito bem onde o adversário lhe era superior, para mais no estreito campo de batalha, de cerca de 60 quilômetros, que impedia o grande manobrador de se mover com largueza. — é hoje fora de dúvida que Rommel quis chegar a Alexandria neste meado de Outono, tal como publicamente dissera em Outubro em Berlim.

Os jornais do dia 5, publicavam, porém, o comunicado britânico que concluía assim: «O 8.º exército continua a avançar». É o dia decisivo em que em Londres e no Cairo ninguém dorme. Desde a ante-véspera, Montgomery usara pela vez primeira nesta guerra da infantaria a abrir caminho, sob cortinas de granadas, aos carros blindados, fazendo o «reversamento» da doutrina militar germânica cujo mestre foi De Gaulle.

Rasgada uma perfuração ao sul da costa, na extrema ocidental da frente, a luta travava-se em volta da crista chamada Tel-El-Akahir, ou Monte dos Feiticoseiros, a cerca de 6 quilômetros da estação de El-Alamein e 2 quilômetros e meio ao sul de Sidi-El-Rahman, a qual é de 50 metros de altura, e foi conquistada de assalto pela infantaria inglesa e pelos neozelandeses de Freyberg, o homem de Creta, à baioneta. A marcha dos tanques rompeu a seguir, e o fúlcro da ofensiva passou a ser ao longo da estrada para Rahman, na direcção sudoeste da aldeia do mesmo nome, em Aquahir, onde se chocaram as massas das forças blindadas dos aliados com o gróss da «panzer» de Rommel, derrotando-as.

Era, pois, visível que a ofensiva de Alexander e Montgomery entrara no auge.

Para occidente de Sidi-El-Rahman, o inimigo retirava, sob o fogo intenso dos bombardeiros, que incidia especialmente sobre a estrada costeira. No sector sul, as tropas aliadas ocupavam as posições alemat. Sidi-El-Rahman fica a 12 quilômetros a noroeste de El-Alamein e à mesma distância de El Daba; e as outras a 14 quilômetros a sul e a oeste da famosa crista de Ruweisat. Os comunicados alemão e italiano confirmavam que o general inglês atacava na máxima força.

Esses efeitos do golpe inicial apareciam assás claros, quando mostravam que, em consequência do recuo alemão ao longo da estrada costeira acima apontada, «no sector sul as forças do «Eixo» estavam ali em perigo devido ao avanço britânico no norte, e que a conquista de Munnassidi, cerca de 40 quilômetros ao sul de El-Alamein, e Hememat mais 15 quilômetros ao sul, mostravam bem a importância do êxito dos Aliados no norte».

O correspondente em Berlim do diário sueco «Dagens Nyheter», notoriamente favorável ao «Eixo», telegrafava para Estocolmo que as perdas de Rommel «eram já muito grandes». A agência noticiosa ale-

mã D. N. B. informava que ontem de manhã o 8.º Exército estava a ferir o flanco norte alemão «com todas as forças de que dispõe», o que significava que Montgomery explorava a fundo o grande êxito dos blindados britânicos em Aquahir, e a Reuter, mencionando que as colunas motorizadas germano-italianas continuavam seguindo em retirada na estrada da costa, dizia: «Nas próximas 12 horas os acontecimentos poderão tomar aspectos muito mais elucidativos».

O general Von Stumme, braço direito de Rommel, caíra na batalha. Von Thoma, comandante da parte alemã do Afrika Korps, ficara prisioneiro.

No dia 6, a retirada de Rommel é já franca. Os relatos do prélio tremendíssimo acusavam despojos sem conta e um morticínio. Perguntava-se se o marechal poderia reorganizar as suas forças. Não podia. O metralhamento infernal dos bombardeiros, caças-bombardeiros e caças não lho deixava.

Cinco divisões italianas capitularam dias depois, envolvidas. E eis o feito.

Duas anotações o rematam. Uma do correspondente militar da Reuter em campanha sobre a lição da batalha e o segredo da vitória alcançada, e dizia no dia 6: «As notícias de hoje demonstram de maneira evidente a diferença fundamental entre os exércitos que recuam com superioridade aérea e os que não possuem tal vantagem. Duzentos ou trezentos caças bombardeiros e bombardeiros médios e ligeiros, atacando sem cessar as forças terrestres inimigas e deparando com fraca oposição aérea, vieram completamente modificar o aspecto da luta. Uma força terrestre quando suficientemente forte pode avançar sem possuir superioridade aérea mas, sem esta, qualquer retirada é sempre perigosa».

De facto, a ordem suprema de Montgomery, no momento da quebra fatal do inimigo, era a de que fizesse sem demora o máximo da pressão sobre ele, provocando a sua destruição em retirada, e continua esta expressão: «Para isso sacrifico todas as forças disponíveis». A situação assim determinada podia afeirir-se pela passagem apressada, na segunda-feira, por Atenas, de divisões alemãs segregadas de outra frente para virem reforçar Rommel em crise evidente, pois estava já assente a perda de mais de metade dos seus tanques e de 80 por cento do seu potencial aéreo.

A outra anotação refere-se ao objectivo dos Aliados, que Churchill deixara fixado ao passar no Cairo para a Rússia:

«Até agora furamos as posições defensivas inimigas e agora temos de as romper, o que significa que o nosso apoio de grupos blindados têm de penetrar até ao terreno livre. Isto é o que tem de se conseguir. O nosso fim não é expulsar o inimigo do Egipto, mas sim mantê-lo em combate o tempo suficiente para o destruir. Desde que isso se consiga, quanto mais longe da sua base se atingir a decisão, mais frutífera será a vitória».

Portanto, o fim supremo era ainda, o de se começar a libertação da África do Norte e do Mediterrâneo. Mais tarde, falar-se-ia de uma tenaz a apertar Rommel. O primeiro braço fóra aquele. O outro? Na hora exacta ele ia aparecer e, como acima dissemos, a face da guerra ia mudar, ante as surpresas ansiosas de todo o mundo. Os aspectos políticos da batalha do Egipto ultrapassavam

em muito o das armas, quando as vanguardas de Montgomery passavam no desfiladeiro de Alfaya nos calcanhares do inimigo em retirada.

A GUERRA NO OCIDENTE

No dia 8 de madrugada, um domingo, uma grande expedição norte-americana (que desde Julho, isto é, dos dias trágicos da capitulação de Tobruk, andava a ser preparada dia e noite em Washington e em Londres com herméticos segredos) efectuava desembarques de mais de 40 mil homens na África francesa do Norte, tanto no Mediterrâneo como no Atlântico.

Trazida em mais de 500 navios escoltados por 350 vasos de guerra, como depois revelou Lord Lyttelton, as operações começaram rápidas sob o alto comando do general Eisenhower, secundado por duas esquadras: uma de Hewitt no Atlântico, outra de Cunningham, o vencedor de Taranto, que dominaram as resistências navais.

Escrevemos a 13, já decorridos cinco dias sobre o maior acontecimento desta guerra depois do das ofensivas alemãs de 1939 e 1940 no ocidente europeu, da batalha da Inglaterra, e depois das batalhas formidáveis de Moscovo, do Volga e do Cáucaso na frente oriental. Já é possível pois, reduzi-lo a termos da equação que ele abriu.

Fixemos em primeiro lugar a atitude da França. Roosevelt, o autor do golpe, cujo alcance bem lhe abona o talento e a visão, apeliou para Pétain declarando-lhe que se adeantava às potências do «Eixo», ordenando a ocupação da África francesa do norte. O marechal respondeu ordenando a resistência e Laval cortou as relações diplomáticas com Washington, acto que implica que neste momento o Canadá e outras repúblicas americanas adoptem para com Vichy o mesmo procedimento e que o governo dos Estados Unidos

MORREM OS DENTES ADOCEM AS GENGIVAS nas bôcas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

se encontre de mãos livres para a desmilitarização das forças francesas na Martinica onde está o tesouro do Banco de França, e para o confisco dos navios franceses surtos em portos norte-americanos.

É cabe aqui (já que tanto temos falado nessa atitude dos Estados Unidos) registar a explicação que nos deu o Secretário de Estado, Cordell Hull no dia 9, dos motivos porque manteve relações com Vichy, texto de valor histórico irrecusável que é preciso ler com muita atenção:

«O mais importante — disse — era manter aberto o caminho e preparar o terreno para, do melhor modo possível, planejar e enviar a expedição militar ao Mediterrâneo ocidental, assim como auxiliar as operações britânicas actuais mais a leste. O segundo fim era manter estreitas relações com a população francesa e encorajar a oposição ao hitlerismo, onde quer que ele exista. O terceiro era manter vivas as concepções de liberdade da população francesa, a-fim-de lhes guardar intacta a esperança de uma restauração das suas instituições, como existiam antes da ocupação alemã. Em quarto lugar havia ainda as relações estreitas pessoais e o contacto com as fases da situação franco-alemã».

E Cordell Hull continuou: «Aqueles que fizeram observações sobre a política americana no que respeita ao Governo de Vichy podem agora ficar bem esclarecidos e ver claramente que essa política se dirigia, em última instância, para a libertação da França. As relações com Vichy deram à América a oportunidade de obter, semana a semana, as informações mais importantes sobre as zonas controladas pelo «Eixo», bem como as informações do norte de África e outras das actividades contra o «Eixo». Os Estados Unidos já obtiveram os resultados que pretendiam da sua política de continuar a manter as relações com Vichy».

A resistência francesa manifestou-se sem plano e segundo as próprias expressões da O. F. I., isoladamente, o que não obstu a perdas de ambos os partidos, especialmente em Casablanca. Dum modo geral acentuou-se na marinha e nas baterias costeiras.

Em conexão desta resistência, citaremos: — o aparecimento do general Giraud, acompanhado de dois oficiais do estado-maior na África ao lado dos Aliados e por estes investido na chefia de um exército francês ali constituído em dissidência; — a partida do almirante Darlan para o quartel general de Eisenhower, acusado de traidor pela Alemanha; — a partida de Weygand.

No dia 11, Darlan, em Argel, depois de uma conferência com Eisenhower ordena a cessação das hostilidades e abrem-se negociações para um regime cujo carácter ainda está por conhecer-se. Os Aliados ocupam toda a África francesa. A cooperação dos chefes militares lá existentes não pode deixar de existir, caso contrário, a resistência continuaria. Berlim conhece o admiravelmente e Laval, que se avista desde o dia 7 com Hitler, Ribbentrop e Ciano, ainda melhor. Um despacho da Wilhelmstrasse no dia 10, por isso mesmo declara que a situação na África do Norte interessa directamente às relações franco-alemãs.

E O DRAMA COMEÇOU

O general Rommel continuava em retirada já para dentro da Cirenaica.

E antes de mais, já o Mediterrâneo ocidental arrebatado de suas mãos. Hitler, com a costumada prontidão, reage contra a inesperada chegada dos Estados Unidos à Europa, executada com tão poderosos meios como em 1917 e iguais repercussões.

Então, de Berlim, executam-se a fundo dois movimentos aliás previstos em Londres e Washington, onde até eles podem haver sido contados como pedras de um jogo em que o adversário seja disfarçadamente conduzido ao terreno. O primeiro é e tinha de ser a ocupação da zona chamada não-ocupada. No dia 13 as tropas alemãs, tal como Hitler dissera em mensagem ao marechal Pétain, descem, mais as italianas, até à fronteira pirenaica e à costa do Mediterrâneo, exceptuado Toulon onde, sob palavra de se defender de uma agressão, a esquadra francesa do almirante Laborde, composta de dois couraçados modernos e numerosos submarinos e contra-torpedeiros, está surta, assim se impedindo que se desagregasse, antes ficasse debaixo de vistas do ocupante.

Coberta a linha da costa, base da frente marítima que se desenrola geograficamente entre as Baleares e a Sardenha, defendendo a Itália ocidental, a própria posição dela aponta claramente onde vai debater-se o final da batalha que pode denominar-se do Norte de África.

A ocupação dos Aliados parou em Argel. Ao Bey de Tunes mandou Roosevelt pedir a passagem de suas tropas e foi o próprio almirante Esteva, residente geral, seu portador. Nunca se soube até hoje qual a resposta do Paxá nem qual a posição singular do almirante. O que se sabe é que no mesmo dia em que Hitler efectua a ocupação do resto do território da França, os Aliados dão

tento da chegada de «junkers» aos aeródromos de El Aluina perto de Tunes e os bombardeamentos por aviões italo-alemães começam sobre os portos de Orão e Argel, retornando os anglo-americanos sobre a Sardenha, e anunciando logo depois Lord Gort, governador da gloriosa Malta, que a ilha passou a ser uma base de «raids», tal como um porta-aviões em pleno Mediterrâneo. A rádio oficial francesa passa ao «contrôle» alemão, totalmente.

Rommel continuava em retirada no dia 12. Para onde?

Montgomery vinha na véspera a bombardear a linha entre Tobruk e Forte Madalena, mas as suas avançadas caminhavam muito deserto dentro.

A Tunísia torna-se agora bem visivelmente um baluarte possível e uma placa giratória central de ataque para o «Eixo». De Estocolmo, a 12, saem estas informações que toda a nossa imprensa publica em destaque: «O correspondente em Berlim do jornal sueco «Aftonbladet» comunicou que as tropas germano-italianas estão efectuando, a toda a pressa, a restauração da linha de fortificações— a Linha Madeh — que corre ao longo da fronteira entre a Tunísia e a Líbia construída há anos pelo Exército francês.» O mesmo correspondente informou que o jornal «National Zeitung» de Essen, anunciou esta manhã que a base de submarinos de Bizerta, o aeródromo de Karouba e as fortificações existentes em volta do lago de Sidi Abdalla foram reforçadas, durante os últimos dias.

O alemão chegou primeiro.

Nova batalha à vista. A guerra no Ocidente.

E o mais agudo do drama começou...

13-XI-942.

CARTA BRANCA



A BELA SOCIEDADE...

Por JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS

Meu caro:

LI há pouco que um pintor de fama internacional, passando por Lisboa como toda a gente, tinha tido o desembaraço intelectual de dizer para público que vive longe da vida de sociedade porque

isso é coisa que só serve para fazer perder tempo. Não sei quantas pessoas teriam reparado nisto e, dessas, quantas teriam sentido dentro de si um misterioso chicote a acordá-las para uma realidade tão evidente que quasi toda a gente faz o possível por não dar por ela... A sociedade, em significação mundana, é uma espécie de instituição, antes uma espécie de convenção onde se aborrecem aqueles que a ela aderiram e não têm coragem para se libertar; e é, ao mesmo tempo, o sumo das aspirações de todas as raparigas que estão para casar, que ambicionam fazer vista, que sonham com alguma coisa que não está na sua mão, mas que sabem que existe por imaginação ou por contágio... cinematográfico.

O Ramalho, que sabia destas coisas e as dizia das boas, em ar sândio e lavado, bosquejou todo o plano de um tratado completo para uso, salvo erro de «João Fernandes», Zé-ninguém enriquecido e mortinho de botar figura, levar rodas de excelência e sentir a possibilidade de ter ou julgar ter alguma influência. A carreira era traçada minuciosamente, indicando-se o sistema de criar relações, as anedotas sorridentes e os conceitos sérios que é bom trazer no «block-notes» do cérebro, sempre pronto a desfolhar, à mesa, diante das senhoras, ou na assembleia de barbados, por entre a cortina de fumo dos charutos. João Fernandes tinha tudo em ordem para aprender as boas regras de viver em sociedade. Era um modelo: um modelo de traste, está claro, mas em todo o caso, um traste engravatado de branco e

colarinhos engomados...

Ora, a verdade é que esta impostura é um grande mal do mundo. Cada um é como é. E na sociedade todos se querem iguais— pelo menos iguais entre si. Quem não vestir pelo modelo — pôr um fato para cada hora, cartear qualquer espécie de «bridge», frequentar esta ou aquela casa de chá, esta ou aquela modista, este ou aquele alfaiate, ir à missa a certa hora, até mesmo ler certo jornal ou arvorar-se em adepto de tal ideia — pode fazer chichi à porta, como o cão, mas entrar é que não entra. É o regime da bola preta...

Os que sabem o que aquilo é — estão-se muito bem nas tintas. Os que não sabem — sofrem de ansiedade, de sede por saber, sentir, palpar, cheirar, ver por dentro. E fazem o possível por macaquear. O grande objectivo de uma grande parcela de gente é vestir bem, parecer e aparecer bem, apinocar-se, ajanotar-se. Raparigas que passam vida negra, que se levantam cedo para estar a horas no emprêgo, que se esfalfam em caminhadas a pé, mal comidas, mal tratadas de medicinas indispensáveis — cruzam as ruas com estadão de raposas nos ombros e vêem suspenso sobre os olhos, dando tratos à imaginação para ver como é que hão-de fazer estender os três ou quatro centos de mil réis que têm de ordenado em cada mês. Dormem pouco e mal, na casa não têm aquele mínimo de conforto indispensável à vida, alimentam-se insuficientemente, mas iludem-se com a «mise-en-scène» que se atribuem, julgando-se num instante princesas deste mundo e do outro.

Se eu fôsse governo...

Ah, já sei: a primeira coisa que fazia era mandar confiscar os espelhos...

HISTÓRIA DA GUERRA

Por absoluta falta de espaço somos forçados a não publicar neste número a «História da nova guerra mundial», de Carlos Ferrão. Sairá no próximo número.



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22.40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221.1	
0.00 Noticiário		m. 263.2	
	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

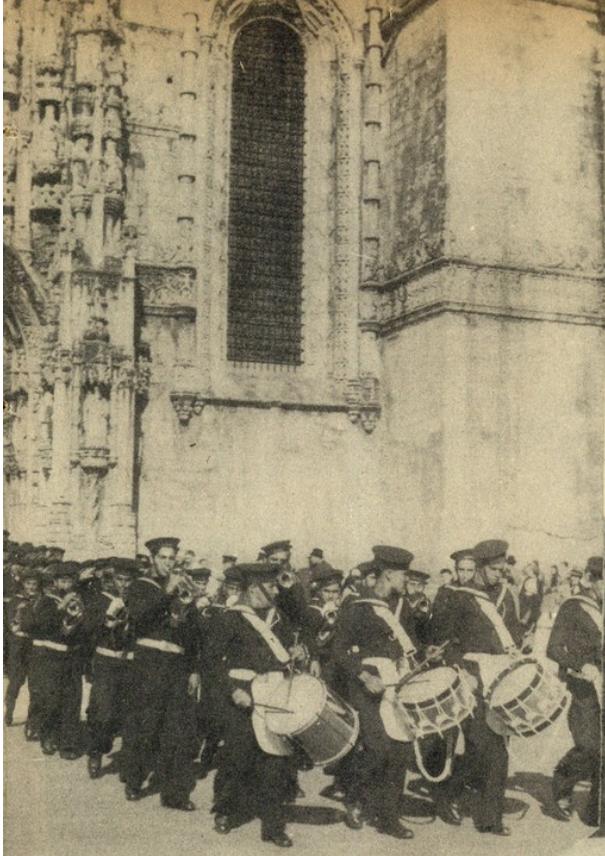
CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.495
21.20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



Um documento impressionante da implacável luta nos mares: o fim de um «destroyer» japonês torpedeado — e fotografado — por um submarino norte-americano. Reconhece-se perfeitamente o emblema nipónico sobre a ponte do navio que está a afundar-se.

Entre nós



O aniversário da morte do Infante D. Henrique foi comemorado com missa solene no Mosteiro dos Jerónimos, celebrada pelo sr. arcebispo de Mitilene. Assistiram numerosas personalidades, entre as quais os srs. 2.º tenente Evaristo Gonçalves e Aires Martins, que representavam, respectivamente, os srs. ministro da Marinha e das Finanças; almirantes Botelho de Sousa, major-general da Armada; Sousa Ventura, chefe do Estado-Maior Naval; Alvaro Marta, superintendente da Armada; general Casimiro Teles e tenente-coronel Coutinho de Castro, comandante geral e distrital da L. P.; comandante Oliveira Pinto, comodoro das forças navais no Tejo;



No gabinete do sr. dr. Trigo de Negreiros, Subsecretário de Estado das Corporações, realizou-se a assinatura de um contrato colectivo de trabalho entre a Federação Nacional dos Industriais de Moagem e os Sindicatos Nacionais dos Operários Manipuladores de Farinhas e Massas de Lisboa e Pôrto, Carpinteiros da Construção Civil e Electricistas.



Com uma recepção aos representantes da Imprensa, inauguraram-se, há dias, as novas instalações da secção de turismo da delegação dos caminhos de ferro alemães. Com os jornalistas reuniram-se ali muitos outros convidados, que foram recebidos pelos srs. drs. Sommer e Mahlow, Keller e Winter, conselheiros do Ministério dos Caminhos de Ferro do Reich, que expressamente vieram de Berlim; Strassen, director dos caminhos de ferro germânicos, em Lisboa, e outros seus compatriotas residentes entre nós. O sr. eng. Jaime Silva dirigiu, em nome da organização alemã, palavras de saudação aos convidados. Foi oferecido, depois, um cálice de Pôrto, e houve ensejo para visitar as instalações da delegação, que foram montadas com sentido moderno, como convém a um serviço de propaganda.





O general americano Eisenhower, comandante em chefe das forças anglo-americanas que dirige as operações ofensivas na África do Norte francesa.

VEJA NAS PÁGINAS INTERIORES DESTE NÚMERO:
AS PRIMEIRAS FOTOS DA VITÓRIA BRITÂNICA
NA FORMIDÁVEL BATALHA DO DESERTO